

ELEIÇÃO NOS EUA

Para um Brasil que deseja ampliar sua participação no mercado norte-americano e que espera uma ampla política de combate ao aquecimento global, o melhor presidente dos EUA é aquele em quem votaram 11% dos eleitores norte-americanos

POR PEDRO DORIA



Diz o clichê que, para o Brasil, é melhor ver os Estados Unidos governados por um republicano. O argumento segue afirmando que o Partido Democrata é por natureza protecionista e que o Republicano tem uma queda pelo livre mercado. Há dois tipos de clichês. Uns pecam por simplificar a realidade; outros por estarem completamente errados. A idéia de que o ideal brasileiro seria uma presidência norte-americana republicana é do segundo tipo. E não é difícil entender porquê.

DRAMA ELEITORAL. Ao longo deste ano, o grande drama eleitoral norte-americano vai se apresentar ao mundo. Desconte-se o incrível crescimento chinês, a decadência do dólar e o fiasco das intervenções militares do governo George W. Bush, ainda assim a pessoa com maior concentração de poder individual no planeta será aquela cujo escritório for no Salão Oval, na ala oeste da Casa Branca. O que sustenta sua autoridade não é pouco: quase 30% do PIB mundial, o equivalente a 40% do orçamento militar somado de todos os países e 17 universidades na lista das Top 20. Os EUA ainda terão o dinheiro, os soldados e os cérebros por muitos anos.

Outras das incompreensões comuns do país diz respeito ao sistema bipartidário. Há quem suspeite que só dois partidos limitam o número de opções no espectro político. Não é assim. Em países que operam no regime bipartidário, as legendas funcionam como grandes coligações de grupos de interesses distintos.

Naturalmente, quando cada grupo traz suas prioridades, surge atrito. A manutenção de equilíbrio interno em cada partido que permita a defesa de um único programa de governo é árdua. Mas, quando o partido chega ao poder, a coligação que irá sustentá-lo e dar condições de governo já está pronta e organizada. Não acontecem, como nos regimes multipartidários, constantes rearranjos dos muitos partidos na base governista.

Em alguns raros momentos da história, os atritos são irreconciliáveis e um desses grupos de interesse

deixa o partido em que estava para se juntar a outro. Durante o século XX, aconteceu duas vezes nos EUA, quase três. E é possível que, nesta eleição, aconteça novamente.

DEMOCRATAS X REPUBLICANOS. No início do século XX, o Partido Democrata representava o sul agrícola, derrotado na Guerra Civil que quase cindiu o país; o Republicano, de Abraham Lincoln, era o preferido do Norte industrial. Essa divisão se manteve até a Grande Depressão, a eleição de Franklin Roosevelt e seu projeto econômico keynesiano, o New Deal. Os grandes industriais permaneceram republicanos. Mas o operariado faminto e desempregado, não.

A migração da classe média do Norte para o Partido Democrata criou uma maioria eleitoral tão avassaladora que Roosevelt foi reeleito presidente quatro vezes, e Harry Truman, John Kennedy e Lyndon Johnson, uma vez cada. Os republicanos, nesse período, só elegeram um presidente, Dwight Eisenhower, por dois mandatos. É um placar de 7 a 2. Aí houve a segunda migração, provocada por um fenômeno tão impactante quanto a Depressão: o fim da política de segregação racial.

Nos anos 60, tanto Kennedy quanto Johnson usaram força militar, no Sul, para pôr fim ao racismo legal de Estado. Veio a integração – e lá se foi a classe média branca do sul para o Partido Republicano. Desde então, vieram 11 mandatos presidenciais – apenas três deles democratas.

Ronald Reagan foi o presidente que quase conseguiu uma terceira grande migração. O Partido Democrata sempre havia sido o partido militarista. Foram democratas que fizeram a secessão no século XIX, presidentes democratas estiveram à frente do país quando foram declaradas a Primeira e a Segunda Guerras, a da Coreia e a do Vietnã. Mas o Vietnã, considerado internamente um erro, traumatizou as novas gerações de líderes do partido.

Na década de 1980, com o fantasma soviético ainda presente, Ronald Reagan incorporou o discurso belicista e, com isso, atraiu os votos de um grupo de eleitores que os estatísticos passaram a denominar Reagan Democrats. Eles

são de classe média baixa, em geral operários em cidades do Norte e do Meio-Oeste, e mantinham o desejo de uma América grande e poderosa. Seja como for, seus votos foram atrelados à figura de Reagan, não ao partido. Já na eleição de Bush pai e, mais tarde, de Bill Clinton, eles estavam de volta às fileiras democratas.

ONDA CONSERVADORA. Bill Clinton poderia ter sido um presidente profundamente transformador – talvez se culpe até hoje pelas sessões com a jovem estagiária no Salão Oval. Por bem ou por mal, aquele episódio incitou um ranço moralmente conservador no país, desfocando as reais conquistas de seu governo. Foi o primeiro presidente democrata que se apresentou capaz de balancear um orçamento, trazer crescimento econômico e ainda produzir um superávit enquanto incentivou uma das décadas mais criativas do século e abriu mercados mundo afora.

Atualmente, o Partido Republicano representa uma coligação de três grupos de eleitores. Conservadores sociais, concentrados no Sul; conservadores fiscais, ou *country club republicans*, que se espalham pelos grandes subúrbios de classe média alta; e belicistas, os neoconservadores, que sentem falta daquela Grande América. O governo de George W. Bush promoveu uma união de belicistas e conservadores sociais ignorando o terceiro grupo.

Ao radicalizar as políticas de dois grupos alienando os conservadores fiscais, Bush cortou impostos enquanto ampliava gastos, abusou de políticas protecionistas, comprou brigas contra a ciência nas frentes do aquecimento global e das células-tronco e ignorou a opinião de aliados tradicionais na hora de ir à guerra.

Inclua-se na lista o abuso de poderes do Estado com espionagem interna, além do desejo de impor uma proibição constitucional ao casamento entre homossexuais. Bush se tornou o presidente dos pesadelos de conservadores fiscais que, por suas tendências libertá-

EM PAÍSES QUE OPERAM NO REGIME BIPARTIDÁRIO, AS LEGENDAS FUNCIONAM COMO GRANDES COLIGAÇÕES DE GRUPOS DE INTERESSES DISTINTOS

rias, desejam um Estado que seja mínimo, com orçamento balanceado e que jamais se meta na vida particular do cidadão comum.

O PRESIDENTE DOS 11%. Do lado democrata, agora começa a ficar claro, o velho partido de Franklin Roosevelt e John Kennedy, sustentado por uma máquina trabalhista, se esvai rapidamente. John Edwards, o candidato que representava os grandes sindicatos, sequer conseguiu levantar vôo na temporada de primárias. Enquanto isso, John McCain, a opção republicana, ao tentar estender o braço de reconciliação aos conservadores fiscais, viu-se vítima de perseguição pelos conservadores sociais de seu próprio partido.

Nas contas do Instituto Gallup, este grupo liberal no sentido econômico da palavra, socialmente aberto perante questões morais, indiferente ao ponto de vista religioso e respeitoso para com a ciência representa 11% dos cidadãos aptos ao voto. Para um Brasil que deseja ampliar sua participação no mercado norte-americano e que espera uma ampla política de combate ao aquecimento global que renda créditos de carbono pela manutenção das matas, o melhor presidente dos EUA é aquele em quem votam esses 11% de eleitores.

Nestas eleições, se as pesquisas estiverem corretas, votarão no Partido Democrata. Mas ainda é cedo para dizer se migraram de vez para o novo partido, incapazes de se reconhecer na legenda que acolheu e representou seus ideais por mais de um século. ✘